

BULLYING ENTRE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: COMO LIDAR COM ESSA REALIDADE

Lusane Cássia de Souza Nery¹

Ana Márcia Luna Monteiro²

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo investigar a existência do bullying no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. O bullying é classificado como a soma de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, que acontece entre colegas, sem motivação perceptível, quando um grupo de estudantes, ou um estudante considerado mais forte, vitimiza outra pessoa que não se sente capaz de encontrar um modo apropriado para se preservar. Pretendeu-se analisar este fenômeno sob a perspectiva de Silva e Morgado (2011), que discorrem acerca do estudo do bullying nas instituições de ensino. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa, a partir de um questionário com 7 perguntas abertas, respondido por 7 mulheres estudantes e egressas do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE). Ao final do trabalho, observamos que a prática do bullying ocorre entre estudantes nesse meio acadêmico. De acordo com as participantes do estudo, muitas vezes ele se dá de forma silenciosa e velada e se evidencia muito mais a partir da exclusão social.

Palavras-chaves: Bullying, Estudantes de Pedagogia, Enfrentamento.

Introdução

Este estudo se refere a ocorrências que envolvem o bullying entre alunos no meio acadêmico e o nosso objetivo é examinar a existência desse fenômeno entre os discentes do Curso de Pedagogia do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O interesse pela pesquisa surgiu, por meio das experiências relatadas por estudantes que revelaram já terem sido vítimas do bullying no decorrer do curso de Pedagogia. Verificamos, no transcorrer da pesquisa, o extenso número de produções científicas sobre a temática voltadas para o ensino escolar fundamental e médio, onde o público alvo é composto, geralmente, pelo universo infantil e adolescente.

Quanto aos estudos sobre o bullying no ensino superior, que como se sabe atende um público composto por jovens e adultos, constatamos no decorrer da pesquisa a existência de uma escassa literatura bibliográfica voltada para a temática. Nosso objetivo é identificar a existência do bullying na universidade, entre os pares de alunos, e contribuir tanto para que tomemos conhecimento do assunto como para entendermos o próprio fenômeno, como futuros profissionais da educação, e aprendermos a lidar com essa problemática tão presente

¹ Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. lsn1@outlook.com

² Professor(a) Adjunta do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. anamarcialuna@hotmail.com

nos diferentes ambientes educacionais. Estamos nos referindo a um local de estudos, valorização do conhecimento e de lutas contra os preconceitos, onde se supõe um ambiente mais respeitoso e menos violento, já que estamos falando de um espaço de formação de educadores em nível superior.

Para responder algumas das indagações que circundam este fenômeno, sugerimos como objetivo geral: identificar a existência do bullying entre estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE e os efeitos que o fenômeno pode causar a esses estudantes. Nesse sentido, propomos como objetivos específicos: identificar, no curso de pedagogia do CE da UFPE, estudantes que se percebam vítimas de bullying por parte dos próprios colegas de curso; analisar como essas estudantes compreendem o bullying sofrido; constatar que estratégias as participantes da pesquisa utilizariam para enfrentar tal situação e como evitariam e combateriam esse comportamento em contextos educacionais diversos, nos quais pretendem atuar.

Vivenciando as relações interpessoais e através dos relatos de colegas, no decorrer de algumas disciplinas, e também presenciando algumas ocorrências dentro da sala de aula do curso de pedagogia da UFPE, constatamos a existência de casos de bullying entre os próprios estudantes. Trata-se de um problema que necessita ser observado com cuidado, já que esses estudantes poderão se deparar, na sua futura prática profissional, com situações anteriormente vivenciadas por eles como discentes. Que neste caso, se refere a eventos como agressividade e preconceito explícitos ou silenciosos que ocorrem por diversos fatores, chegando algumas vezes ao nível do desrespeito, do constrangimento e da humilhação. Portanto, este assunto exige um olhar mais cauteloso por parte de todos os integrantes do curso de pedagogia do CE. Muitas vezes, em nosso dia a dia, não nos damos conta de que em nosso meio estudantil também sofremos e praticamos o bullying.

É importante aos profissionais da educação, compreender, aprender, praticar e ensinar a natureza do respeito, do diálogo e da inclusão aos seus educandos, entendendo que o ser humano pode trazer consigo suas próprias cargas de preconceitos, pois é passível de erros. Porém, precisamos ser conscientes de que através da educação podemos superar esses obstáculos. Pelos motivos evidenciados aqui, entendemos ser este um objeto de estudo interessante, tanto para o universo de conhecimento da pedagogia quanto para as pesquisas das ciências humanas em geral.

Aspectos conceituais do bullying

As expressões *mobbing*, *mobbning* e *bullying* tem o mesmo significado profundo que assinala sua marca no indivíduo, que é centro dos impulsos violentos de outrem. O termo “mobbing” é utilizado em países como Noruega e Dinamarca; a palavra “mobbning”, na Suécia e na Finlândia; já o vocábulo “bullying” tem a sua gênese na palavra inglesa “bully”, que significa valentão ou brigão. Este termo é o mais conhecido no resto do mundo. Deve-se entender que o bullying não se refere a uma discussão entre pessoas, uma brincadeira entre adolescentes ou desavenças entre os sujeitos. O bullying diz respeito a uma situação intencional, provocada por uma pessoa ou um grupo, com o propósito de causar constrangimento à outra pessoa.

De acordo com Constantini (2004):

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física ou verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (COSTANTINI, 2004, p. 69).

Já para Silva (2010), essa conduta hostil, deliberada e predeterminada com claras intenções de agredir um alvo, pode se encontrar em qualquer lugar da sociedade e não apenas dentro dos muros da escola. Para ela:

Se pararmos para pensar, todos nós já fomos vítimas de um bully em algum momento de nossa vida. Os ‘valentões’ não estão somente nas escolas, eles podem ser encontrados em qualquer segmento da sociedade. Assim, o termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital, e sistemático inerente às relações interpessoais (SILVA, 2010, p. 22).

Alguns estudos salientam que o bullying é construído com base na difícil relação entre grupos diferentes. Para Staub (1991, 2003), os indivíduos se relacionam mais facilmente com os demais integrantes de seu próprio grupo do que com outros grupos. Logo, a exclusão que ocorre dentro de um grupo acontece devido ao preconceito e a visão depreciativa e sem justificativa atribuída as outras pessoas (ELIAS, 1998). O preconceito é um julgamento pré-elaborado, uma reação psicológica ao outro que é diferente daquilo que se conhece.

Antunes e Zuin (2008) destacam que o bullying se assemelha à definição de preconceito, “principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados agressores” (ZUIN, 2008, p. 36). Segundo os autores, a manifestação do preconceito torna-se uma forma

encontrada pelo agressor de ofender as pessoas as quais discrimina, utilizando assim da violência anteriormente instituída por uma sociedade intolerante, autoritária e competitiva.

Breve histórico

O bullying foi inicialmente estudado pelo norueguês, dr. Dan Olweus professor de psicologia, pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega no Centro de Pesquisa e Promoção de Saúde (HEMIL). Olweus esteve envolvido nas investigações e conseqüentemente nos estudos sobre o bullying apoiado por recursos do governo local.

Em um breve histórico sobre o fenômeno do bullying, Nogueira (2007) constata, através de entrevistas realizadas com 6000 alunos na faixa etária compreendida entre 11 e 16 anos, que no Reino Unido, em meados dos anos de 1990, foi observado que uma grande proporção dessas pessoas, entre crianças e adolescentes, atuava em episódios como vítima ou estimulador dessa prática.

Em países como Espanha, Itália e Portugal, também se constatou através de estudos, que no período do recreio nas escolas, esse fenômeno era bastante expressivo, pois se tratavam de atos menos perceptíveis. Na Alemanha, ficou demonstrado que as vítimas do bullying apresentavam dificuldade no processo de socialização entre os pares ou grupos e não comunicavam os fatos sofridos. Na Holanda, foi igualmente constatado um grande índice desse tipo de abuso no universo escolar e foi também avaliado o comportamento antissocial dos estudantes.

Porém, foi nos Estados Unidos que os pesquisadores encontraram níveis bastante consideráveis dessa forma de abuso nas escolas. Conforme Fante (2012), por conta do elevado índice de acontecimentos, estudiosos norte americanos categorizaram o acontecimento como conflito global e foi constatado que havendo continuidade desse fato, com o passar dos anos, a taxa de crescimento entre os jovens futuros abusadores e delinquentes será bastante elevada.

No Brasil, segundo estudos de Fante (2012), não há uma investigação ampla de tais ocorrências, ficando apenas, ao nível das informações encontradas nas pesquisas. Para ele:

[...] é pouco comentado e estudado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo com os demais países. O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento deste comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso (FANTE, 2012, p. 46).

Segundo Silva (2010) existem três tipos de atores envolvidos na situação de bullying: as vítimas, os agressores e os espectadores. As vítimas podem ser descritas como aqueles indivíduos que expressam dificuldade em desenvolver um processo de socialização, frequentemente são pessoas tímidas ou reservadas e não se sentem capazes de reagir aos comportamentos ofensivos e agressivos dirigidos a elas. Os agressores apresentam características como desrespeito e maldade e sentimento de poder sobre o outro, por meio de coerção física ou de assédio psicológico e os espectadores são os sujeitos que presenciam as práticas de bullying dos agressores exercidas sobre as vítimas, sem apresentar qualquer postura diante de tais acontecimentos. A autora salienta que “a prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais, que muitas vezes trazem prejuízos irreversíveis” (Silva, 2010).

Acreditamos que o bullying não é muito discutido em nosso país devido ao silenciamento de suas vítimas, e como disse o autor, por falta da existência de métodos que facilitem um paralelo com relação a outras nações que já têm um estudo específico sobre a temática. A seguir faremos uma análise histórica do bullying no contexto educacional em alguns países, inclusive no Brasil.

O bullying na escola

Nas pesquisas realizadas por Revilla Castro (2002), a violência escolar tem encontrado maiores ocorrências em países como a Inglaterra, Espanha, Portugal, Bélgica, Grécia, Canadá, Japão, China e Austrália com um índice de 20% dos casos em estudo. Na Alemanha e na Itália, esses eventos ultrapassam os 30% dos casos encontrados. Já nos países Escandinavos, esse percentual cai para 10%.

Segundo estudos de Olweus e Limber (2010), são nos EUA que ocorrem as maiores barbáries relacionadas a esse fenômeno. Esse país ganhou notoriedade com os casos de bullying após uma fatalidade escolar ocorrida na Columbine High School, no Colorado em 1999, onde houve um massacre envolvendo vítimas fatais. Em 2007, naquele mesmo território, houve outra chacina no Instituto Politécnico na Virginia (Virginia Tech). Em 2009, dois alunos dos Estados de Massachusetts e Geórgia cometeram suicídio por questões relacionadas ao bullying. No período entre 1999 a 2010 foram aprovadas 120 leis estaduais sobre o bullying escolar nos EUA (STUART-CASSEL; BELL; SPRINGER, 2011).

De acordo com as pesquisas realizadas, pudemos verificar que o bullying é um assunto atual, pois ainda que suas investigações tenham origem nos anos de 1980 esse fenômeno tem

crescido muito dentro das escolas no mundo e no Brasil, provocando preocupação em toda a comunidade social.

Para Sposito (2001), as pesquisas sobre a violência escolar no nosso país, realizadas na década de 80, destacaram que as questões que mais prevaleceram foram as de segurança e democracia dentro da escola. A autora afirma que essa forma de violência esteja diretamente ligada à temática da violência social e procura perceber quais os vínculos existentes entre essas duas ocorrências distintas entre si presentes no contexto escolar. Para La Taille (1998, 2000), os preceitos estabelecidos pela sociedade adentram as relações que se constituem no ambiente escolar. Para o autor, na sociedade atual, estabelecida sob uma perspectiva da existência de uma socialização egocêntrica, essa prática violenta pode enaltecer o sujeito que ganha reconhecimento social.

Lembrando casos como os ocorridos nos EUA, no Brasil na cidade de Taiúva (SP), em 2003 local no qual um estudante invadiu a escola Coronel Benedito Ortiz onde havia estudado e atirou contra os colegas, uma professora e o zelador da escola. Em Remanso no estado da Bahia em 2004, um estudante eliminou a tiros duas pessoas e feriu mais três outras por ser alvo de bullying na escola, foi desarmado e não chegou a cometer o suicídio (FANTE, 2005).

Estudos de Francisco e Libório (2009) apontaram algumas diferenças de casos de bullying entre os estudantes no que se refere a gênero, idade e escolaridade. Nas escolas, os agressores mais frequentes dessa violência estão relacionados ao sexo masculino que utilizam mais ataques físicos e verbais. Entre o sexo feminino foi encontrado mais ataques indiretos e relacionais, como, por exemplo, o uso da maledicência (fofoca) ou exclusão social. Com relação à idade e escolaridade, foi detectado que o grupo de alunos mais jovens pratica mais o bullying físico enquanto entre o público mais velho foi detectada a violência nas formas de insultos e provocações.

Aspectos familiares que podem ser geradores do comportamento agressivo

Investigando os trabalhos acadêmicos referentes à temática do bullying, nos deparamos com uma pesquisa que nos remete a olhar também o ambiente familiar como, lugar gerador de pessoas agressivas, de vítimas e de testemunhas da violência. Nos estudos de Marilena Ristum (2010), é a partir das relações familiares que se originam as características democráticas, autoritárias ou permissivas em seus integrantes, das quais, resultam aspectos ligados à afetividade que podem gerar a carência e ressaltar determinada conduta nos sujeitos.

Ristum (2010) admite que existam exceções à regra. De qualquer modo, ela destaca fatores como:

- Falta de tempo e de atenção dos pais;
- Falta de participação nas atividades dos filhos;
- Falta de coesão e solidariedade entre os membros da família;
- Ausência de afeto nas relações familiares;
- Incoerência nas práticas disciplinares e de orientação;
- Uso de violência nas relações familiares;
- Abuso de poder e uso exagerado da punição;
- Falta de normas;
- Superproteção dos filhos;
- Forma violenta de resolução de conflitos parentais e entre irmãos.

Ela ressalta que:

Talvez pudéssemos alongar bem mais essa lista, porém o que interessa é ressaltar que, embora a família possa ter importância considerável na produção do bullying escolar, não podemos ver esses fatores desvinculados dos demais que compõem a rede de produção do fenômeno. Temos ouvido com bastante frequência os professores e outros profissionais da escola atribuir a culpa pelo que o aluno é a fatores familiares. Entretanto, temos certeza de que cada leitor desse texto consegue se lembrar pelo menos de um adolescente que, apesar de viver em condições familiares adversas, é um bom aluno e não se envolve em bullying (RISTUM, 2010).

O bullying entre estudantes do ensino superior

O bullying pode ocorrer não apenas nos ambientes familiar, escolar, de trabalho, mas, também nas instituições de nível superior. Poderíamos pensar que o universo acadêmico seria o lugar em que as pessoas, desde os professores até os estudantes, avaliados como indivíduos mais atentos ao conhecimento, às teorias, às lutas por melhorias de classe, poderiam estar mais conscientes do resultado dessa prática competitiva e hostil na vida do ser humano.

Tivemos conhecimento por meio dos noticiários, de ocorrências de bullying em universidades dos EUA, que levaram a casos extremos de violências com vítimas fatais. No Brasil, encontramos as ações dos trotes realizados pelos alunos universitários, feitos esses, que denunciam publicamente atos de violência e de perversidade dos considerados mais fortes contra aqueles denominados mais frágeis. Pesquisas relatam que os trotes tiveram início no

país durante o século XIX e levaram à morte algumas pessoas que participaram da “brincadeira” impiedosa.

Estudos realizados em todo o mundo a respeito dessa temática sinalizaram atos violentos como a humilhação verbal, desvalorização do outro, privar do sono e da alimentação e agressões físicas graves como traumatismos cranioencefálico, hemorragias abdominais, afogamentos, desidratação e morte. Nesse mesmo meio universitário, de maneira velada ou explícita, nos deparamos com modelos distintos de bullying, desde agressões entre professores e alunos, até aquelas centradas nas práticas hostis que ocorrem entre os próprios discentes.

Entende-se, que entre outras coisas, a concorrência entre os discentes estimula a prática de acontecimentos repetidos de bullying no universo acadêmico. De acordo com vários autores como Lima (2008); Macdonald e C. Pittiman (2010); Silva e Morgado (2011); Miranda (2012); Garcia; Vecchiatti e Marta (2013); Mateus e Pingoello (2015) e Gordon (2016) as investigações em relação a esse fenômeno dentro do universo do ensino superior ainda são carentes.

Silva e Morgado (2011) declararam, em seus estudos sobre o bullying, não terem encontrado obras científicas sobre o tema direcionado ao ensino superior, desta mesma forma, nada foi localizado nas suas pesquisas na internet. Nenhum dos sites como a página da Scientific Electronic Library Online-SciELO e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, realizada em 2015 e 2016, não os levaram ao êxito.

Em pesquisa com universitários da Universidade Federal do Mato Grosso, as autoras utilizaram uma orientação psicanalítica em seu estudo, quando dirigiram seus olhares para o comportamento dos agressores analisados e que apresentavam atitudes de intimidação, exclusões e humilhações sobre suas vítimas. Chegaram, dessa forma, a detectar condutas de preconceitos, intransigências e repressão ao diferente. Elas trabalharam as questões de estereótipos das pessoas. Esses modelos podem induzir o ponto de vista dos indivíduos com relação a algo ou a alguém e podem representar a ideia de aceitação ou não de um sujeito ou de um grupo social, que julga e condena a condição de outrem, o que é difícil de ser alterado (BODEHAUSEN; MANCAE, 1998; PEREIRA, 2002; GESTOSO, 1993 *apud* SANTOS, 2008).

Isso determina o habitus do indivíduo com teses pré-fixadas com relação aos gostos, à linguagem, aos pensamentos e outros comportamentos distintos do grupo ou da pessoa em questão. Portanto, as formas de agir do indivíduo, geralmente, são estabelecidas pela

sociedade, pelo status financeiro e econômico, cultural e social, determinando assim o papel do sujeito e o seu estado simbólico. Para Carvalho & Baptista (2004) a agressão simbólica recairá sobre as pessoas que não possuem o mesmo habitus exigido por aquele grupo.

Lima (2008) admite que o bullying no ensino superior seja menosprezado e olhado como uma coisa natural ou inexistente. Para ela, os motivos que levam ao bullying no ensino superior são o racismo, a baixa condição socioeconômica, a área de conhecimento diferente, a intimidação por parte dos professores provocando desprezo e arrogância.

A pesquisadora relata que a coação do bullying sofrida por qualquer pessoa no ambiente universitário é tão nociva quanto as que ocorrem com as crianças na escola. Garcia, Vecchiatti e Marta (2013) garantem que no terceiro grau é necessário que os currículos assegurem, além do ensino das disciplinas técnicas, o respeito à diversidade, ao próximo e aos limites relativos à convivência em sociedade.

Após a realização de algumas pesquisas, encontramos apenas um artigo de graduação elaborado por Elizângela Napoleão da Silva e Ester Calland de S. Rosa, estudantes do Centro de Educação da UFPE, que teve como temática: “Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente”, de dezembro de 2013, que abordou a questão do bullying na formação dos professores e teve como objetivo refletir a respeito das concepções sobre o fenômeno e do que eles consideram serem formas eficazes de intervenção diante dos casos ocorridos em escolas públicas do ensino fundamental, e ainda sobre as demandas para a formação docente. Concluíram que os participantes encontraram dificuldade em explicar o bullying e caracterizar sua abrangência na escola. Dentre outros resultados, o que nos chamou a atenção foi que o bullying foi considerado pelos pesquisados um problema pertencente às escolas e aos professores e que não se constitui um assunto de estudo sistemático na formação pedagógica.

Em um trabalho de pós-graduação em educação no curso de mestrado da UFPE em 2013, a aluna Talita Maria César do Nascimento, desenvolveu uma pesquisa que teve como temática: O Bullying na escola: Uma análise do discurso na mídia impressa pedagógica. Segundo a autora, esse trabalho teve como objeto teórico de estudo o bullying escolar no discurso midiático da revista Nova Escola, no período entre os anos de 2008 e 2011. O objetivo desta investigação foi fazer emergir o discurso difundido pela mídia sobre o bullying na escola, e assim compreender, qual a rede discursiva que vem se constituindo sobre essa temática em artefatos culturais que têm um papel na formação do sujeito docente.

A formação e o papel dos professores na redução das violências e conflitos na escola

A formação de professores no Brasil foi instituída no final do século XIX, direcionada ao ensino secundário e a partir da metade do século XX voltada para o nível médio com as Escolas Normais. Essa forma de instrução, orientada para formar professores na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental foi empregada até o ano 1996, com o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Lei n.9.394 de 1996, que passa a requisitar que a formação para carreira docente seja fundamentada na educação de nível superior, estabelecendo um período de 10 anos para sua regulamentação. Em 1986 ocorre a reestruturação do Curso de Pedagogia pelo Conselho Federal de Educação com o parecer 161. No ano de 2006 houve a aprovação do curso de graduação em Pedagogia, com a resolução n. 1, 15/05/2006 das Diretrizes Curriculares Nacionais. Foi verificado por Bernardete A. Gatti (2009) que o curso foi oferecido como licenciatura aceita pelo Conselho Nacional de Educação.

Baseando-se nas transformações que aconteceram na formação dos professores, durante esse decurso, ressaltamos os estudos de Ramalho, Nuñez e Gauthier (2003) que salientam que as competências necessárias para o exercício da profissão docente reúnem e organizam conhecimentos e habilidades fundamentais para o estabelecimento do seu ofício, bem como, evidenciam a importância de um lugar adequado para exercer a sua função. Ainda para os pesquisadores, não existe segurança da profissionalização sem a constituição de uma base estável para a realização de sua práxis.

A partir dessa perspectiva, entendemos que há uma diferença entre os profissionais que não apresentam aptidão adequada para o ato de lecionar, atuando como professores tecnicistas e os que foram bem habilitados para atuar na área da educação, compreendendo a existência da relação entre a técnica e a capacidade de encontrar respostas adequadas, quando confrontados com situações complexas em sala de aula. Os autores afirmam que a profissionalização “é acompanhada por uma autonomia crescente, por elevação do nível de qualificação, uma vez que a aplicação de regras exige menos competência do que a construção de estratégias” (2003, p. 61).

Os estudos de Gatti (2009) discorrem ainda acerca do perfil sócio econômico dos licenciados em pedagogia. Segundo os escritores foram detectados na pesquisa do Exame Nacional de Cursos (ENADE) em 2005 que quando perguntados sobre o porquê da escolha do curso de pedagogia, 65% dos alunos responderam que desejavam ser professor, 13,3% optou

pela graduação como saída mais fácil para obter uma colocação no mercado de trabalho e 5,2% por influência da familiar. Foi analisado também que os pais dos alunos de pedagogia possuem escolaridade mais baixa que a média das outras licenciaturas. Além disso, a autora ressalta que existe uma carência formativa no que se refere à composição do currículo para que, ao se formar, o professor possa planejar, ministrar e avaliar as atividades referentes à educação infantil e às primeiras séries do ensino fundamental.

Ela detectou que o currículo apresenta uma característica incompleta, onde as disciplinas mostram-se dispersas. Observou nas pesquisas com as ementas que no bloco de disciplinas específicas existe a forte influência de abordagens de cunho descritivo e oferecem menor importância à prática que o professor precisa vivenciar na sala de aula. Verificou-se, também que nas disciplinas voltadas à formação pedagógica, há uma maior preocupação com relação ao por que ensinar e não a uma preocupação aprofundada sobre o que e como ensinar. Foi analisado que as instituições de ensino superiores oferecem poucas horas aulas das matérias voltadas para formação profissional específica e que os conteúdos oferecidos nas escolas, na educação básica, são vistos de forma genérica no curso de pedagogia e apenas alguns cursos se aprofundam nas disciplinas próprias para a educação infantil.

Veamos agora um aspecto bastante conhecido na contemporaneidade das instituições escolares no Brasil: A violência institucional, estudada no trabalho de Miriam Abramovay, detectou que o excesso de substituições e ausências sistemáticas de professores, diretores e funcionários, a deterioração das infraestruturas escolares, além da complexidade das relações interpessoais acadêmicas, aspectos abordados no presente estudo, comprometem os alicerces do funcionamento adequado do ambiente educacional. (ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009). Uma circunstância que desfavorece o relacionamento no contexto escolar, para Abramovay, são as regras e normas estabelecidas obrigatoriamente nas escolas sem que antes tenha havido algum tipo de diálogo e acordo para que seja criada uma ordem formal no âmbito educacional. Portanto, para a autora, urge que se estabeleçam mecanismos que busquem superar as dificuldades dentro da comunidade escolar.

Para Viana (2006) os estudos sobre violência, contra os colegas, direção e professores, nas escolas do Brasil têm aumentado e há uma maior preocupação com esta temática. O professor, um dos mais importantes agentes da escola, que deveria estar voltado para o estabelecimento das suas atividades, como a preparação de aulas, a escolha dos conteúdos, conhecerem e entenderem os seus alunos, ou seja, voltar-se para as questões de ensino e

aprendizagem, se sente desamparado ao se deparar com uma carga de conflitos identificados dentro da instituição escolar.

Segundo os estudos de Sodré, Moura e Alexandre (2012), quando os docentes se deparam com o enfrentamento de conflitos diversos, entre alunos, dentro da instituição é seu papel como educador procurar alargar o seu universo de conhecimento, aprimorar suas práticas pedagógicas e buscar conhecer a realidade social dos estudantes, proporcionando discussões sobre assuntos pertencentes a rotina dos discentes, procurando servir como mediador diante dos conflitos encontrados. Conforme os estudos de Martinelli:

Mediações são categorias instrumentais pelas quais se processa a operacionalização da ação profissional. Expressam-se pelo conjunto de instrumentos, recursos, técnicas e estratégias e pelas quais a ação profissional ganha operacionalidade e concretude. São instâncias de passagem da teoria para a prática, são vias de penetração nas tramas constitutivas do real (MARTINELLI, 1993, p.136).

Segundo os estudos de Gomes (2009) titular da Cátedra sobre Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília, o professor Égid Royer (2002) salienta, em suas investigações relativas à formação docente, sobre a importância da aptidão do professor em saber interceder e impedir que a violência ocorra dentro do estabelecimento de ensino.

Os professores, no decorrer da sua formação inicial ou mais a diante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejamos claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje frequentam nossas salas de aula (ROYER.2002. *apud* Gomes 2009).

Royer (2002) propõe uma associação de elementos que são necessários para melhorar as capacidades educacionais dos professores, tendo em vista, impedir e lidar com eventos de violência no meio escolar. Ele sugere:

- Capacitar os professores a lidar com a violência escolar, incluindo medidas que assegurem que eles tenham conhecimento de como a violência se desenvolve nos jovens;
- Assegurar-se de que a escola é capaz de contribuir para a prevenção do desenvolvimento dos comportamentos agressivos;

- Defender uma abordagem ativa – e não reativa – no trato das violências, isto é, antecipar-se a elas, em vez de tomar providências depois que acontecem, e utilizar uma abordagem educativa, em vez de punitiva;
- Promover o desenvolvimento da capacidade de formular intervenções sob medida, sempre que necessário;
- Incentivar a formação continuada, sabendo que a experiência por si só não basta para evitar ou lidar com a violência;
- Assegurar-se de que os conhecimentos embasados nas conclusões das pesquisas recentes sejam transmitidos aos professores e integrados em suas atividades, juntamente com as práticas exemplares corroboradas por esses estudos;
- Dar prioridade ao desenvolvimento de uma abordagem construtiva na formação de parcerias com os pais;
- Reconhecer que a prevenção e o trato da violência são uma missão de toda a equipe escolar, na perspectiva de colaborar com os serviços oferecidos pela comunidade;
- Criar um mecanismo de avaliação que permita tratar dos novos problemas com os quais talvez os educadores venham a se confrontar e que, em graus variados, se relacionam à violência.

Ao nos depararmos com os estudos realizados sobre este tema, nos damos conta da fragilidade que permeia a formação do professor no que concerne às violências e conflitos existentes nas instituições de ensino. Como defendem alguns autores, o papel dos professores na redução das violências e conflitos na escola é o de mediador que promove o diálogo entre os estudantes, propondo saídas para a solução dos conflitos, antes que eles deixem de ser conflitos e se tornem violência.

Procedimentos Metodológicos

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, que segundo Minayo (1993), trata de responder a questões bastante particulares, como um nível de realidade que não é ou não deveria ser capaz de ser quantificado, uma vez que se utiliza do universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, como objeto de pesquisa. Para realizar este trabalho, foi utilizada a pesquisa de campo, que teve como principal objetivo detectar pessoas que dizem já ter sido vítimas do bullying no Curso de Pedagogia da UFPE.

Na realização da análise dos resultados nos respaldamos no trabalho de Bardin (1979). Para a autora, análise do conteúdo é um:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p.42).

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado aplicado a 7 estudantes de Pedagogia do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Antes da aplicação do questionário, as discentes foram inteiradas a respeito da temática da pesquisa. Informamos o cunho facultativo da sua contribuição e oferecemos a proteção sigilosa de sua identidade. O questionário foi elaborado com 7 questões objetivas, envolvendo a temática do bullying, e foi enviado por e-mail e por WhatsApp, a pedido das estudantes.

A princípio, pensamos em entrevistar cerca de 10 alunas dos últimos períodos do curso, que estivessem dispostas a participar da nossa pesquisa. Porém algumas estudantes que se dizem vítimas de bullying preferiram não se expor e não conseguiram colaborar com o trabalho, mesmo tendo confirmado anteriormente sua participação. As outras participantes que responderam ao questionário são estudantes egressas do curso de pedagogia. Esse é um indício que pode ser considerado como um dado de pesquisa, uma vez que podemos ponderar a representatividade desse movimento: Por que parte das mulheres ainda estudantes do curso, no momento da pesquisa, declinou e não foi capaz de participar do estudo, mesmo tendo claramente confirmado sua participação, enquanto que as estudantes egressas responderam com presteza os questionários.

Público Pesquisado

A pesquisa foi realizada com uma pequena amostra do público feminino do Curso de Pedagogia da UFPE, que é composto por 10 períodos e funciona nos turnos manhã, tarde e noite. Aplicamos 7 questionários a 7 mulheres estudantes dos últimos períodos e egressas do curso.

TABELA 1 - Estudantes dos últimos períodos do curso de pedagogia da UFPE e Egressas pesquisadas – Recife - 2019

Participantes	Idade	Naturalidade	Estudou Rede Pública ou Privada	Opção pelo Curso de Pedagogia	Período de Matrícula ou Aluna Egressa
Participante 1	26	Recife/Brasil	Escola Privada	Gosta do curso	Aluna Egressa
Participante 2	26	Brasileira	Bolsista Escola Privada	Vocação para ensinar	Aluna Egressa
Participante 3	54	Pernambuco/Brasil	Escola Pública	Indicação de um professor	Aluna Matriculada Fora do Período de Origem inicial (Fora de Bloco)
Participante 4	52	Brasileira	Escola Pública	Gosta da Profissão	Aluna Egressa
Participante 5	50	Brasileira	Escola Pública e Privada	Identificação com área de Educação	Aluna Matriculada
Participante 6	29	Pernambuco/Brasil	Escola Privada	Identificação com área de Educação	Aluna Matriculada Fora do Período de Origem inicial (Fora de Bloco)
Participante 7	27	Pernambuco/Brasil	Escola Privada	Foi a segunda opção de curso e por ser uma área bastante abrangente	Aluna Matriculada

A partir da tabela apresentada acima, podemos observar que, das 7 estudantes, 4 encontram-se na faixa dos 20 anos e 3 na faixa dos 50 anos de idade. Entre elas, 4 se identificam como pernambucanas e as demais como brasileiras. Três delas informaram que concluíram os estudos em escolas privadas, 3 em escola pública e 1 dividiu os estudos em escola pública e privada. Três delas declararam sentir identificação com o curso, 1 delas disse gostar do curso, 1 estudante falou que gosta da profissão, 1 disse que a escolha pelo curso foi por indicação de um professor e outra delas relatou que a escolha por pedagogia foi sua segunda opção de curso e por ser uma área abrangente. Dentre elas, 4 são estudantes do curso de pedagogia da UFPE e três são egressas desse mesmo curso, 1 delas de 2017 e 2 do ano de 2018.

Análise

O objetivo geral desse trabalho foi o de identificar a existência do bullying entre os estudantes no curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, bem como seus efeitos na vida dessas estudantes. De acordo com esses objetivos, e como já anunciamos anteriormente,

contamos com a participação de 7 estudantes atuais e egressas do curso de pedagogia da UFPE. Na intenção de preservar suas identidades, as integrantes desse estudo foram identificadas como Participante 1, Participante 2, Participante 3, Participante 4, Participante 5, Participante 6 e Participante 7. Elas realizaram contribuições bastante eficazes no tocante à temática trabalhada.

Por meio das informações obtidas na coleta de dados, observamos que a maioria das estudantes analisadas disse ter sido vítima de bullying, maus tratos ou constrangimento, ainda durante sua vida escolar. Destacamos a seguir, a declaração de algumas delas, a esse respeito.

Sim já sofri sim na escola, a maior parte na época primária. Eu não sei por que isso motivou uma colega minha a ficar me batendo, roubando o meu lanche e me tratando mal [...] Ela nunca quis ser minha amiga e as outras meninas me tratavam como uma empregada me mandando levar as coisas delas. Era humilhante. (Participante 1).

Um constrangimento que já sofri foi no ensino fundamental, sexto ano, por conta de ter sido uma criança obesa. O bullying acontecia principalmente nas aulas de educação física. Justamente por não ter muita habilidade nessa área de conhecimento. (Participante 2).

Sim. Através de apelidos, exclusão no recreio por parte de alguns colegas, em sala colocavam bolsas ou cadernos pra evitar que eu sentasse próximo a eles. (Participante 3).

Sim Como ele se apresentava? Através de escanteios, exclusões na sala de aula, principalmente em momentos de realização de trabalhos em grupo. (Participante 4).

Sempre fui uma criança e adolescente muito tímida e insegura, comecei a mudar isso a partir da fase adulta. Então, na infância e adolescência era chamada de “o patinho feio”, “a esquisita”, “a abestalhada” e por ai vai, todos os dias riam de mim. Durante muito tempo me senti inferior, tive dificuldade de me aceitar, acreditava que eu era tudo que diziam de mim.” (Participante 5).

Pudemos perceber nos relatos acima, que as participantes passaram por situações constrangedoras em sua vida escolar desde muito cedo e declaram ter experimentado muito sofrimento diante de tais circunstâncias. De acordo com Constantini (2004) essa forma de violência está simbolizada pelas agressividades sejam elas físicas, verbais ou psicológicas e praticadas por uma pessoa ou por um grupo, de forma contínua, com intenção de intimidar um indivíduo considerado alvo de suas agressividades. Ainda sobre a presença dessa prática violenta na escola, compreendemos com La Taille (1998, 2000), que as normas, exigências e valores postos pela sociedade penetram as relações que se estabelecem no ambiente escolar. Como afirma o autor, na sociedade atual, estabelecida sob uma perspectiva da existência de uma socialização egocêntrica, essa prática violenta pode enaltecer o sujeito que ganha, com isso, o reconhecimento social que almeja.

Bullying: maus tratos e constrangimento entre estudantes no curso de pedagogia

Quando refletimos sobre os eventos ligados a esses fenômenos, acabamos por não considerar a possibilidade de haver acontecimentos semelhantes, num curso de pedagogia, que deveria formar o educador para lidar com os possíveis casos que surgem dentro da escola e da sala de aula, e não reproduzi-los nas relações com seus pares. Quando perguntadas sobre já terem sido alvo de alguma forma de violência dentro do curso em pauta, as participantes foram unânimes em suas declarações afirmativas.

[...] Fizeram o mesmo comigo, indiretamente e discretamente na minha própria turma e era uma turma de professores (Participante 1).

Dificuldade para participar dos grupos, teve casos de estar conversando com os colegas do meu lado e na hora em que o professor determinou a formação dos grupos todos se levantaram e foram sentar distantes de mim, fiquei isolada de frente ao professor, depois de me firmar nessa turma já há dois períodos fui surpreendida com a exclusão do meu grupo por parte de uma colega que tem quase minha idade, ela me substituiu por uma novata e jovem [...] (Participante 3).

Através de escanteios, exclusões na sala de aula, principalmente em momentos de realização de trabalhos em grupo. (Participante 4)

No meu percurso na graduação senti certa rejeição pela idade que tenho. Percebo uma certa resistência por parte da maioria dos jovens em acreditar no nosso potencial, capacidade etc. (Participante 5)

Baseadas nas respostas dessas participantes, percebemos que a rejeição sofrida por elas tem fortes ligações com o que argumentam Carvalho & Baptista (2004), quando relacionam a aversão sofrida pelas mulheres, como pessoas que não fazem parte do mesmo habitus imposto por um grupo. De acordo com Lima (2008) as razões que conduzem as ocorrências de bullying, no ensino superior, são os juízos de valor preconcebidos sobre algo ou alguém. É lamentável que as diferenças existentes em todas as sociedades, ainda sirvam de motivo para se segregar alguém sem lhe dar a importância devida, antes de tudo como ser humano, como colega de curso e futuras profissionais da educação.

Além disso, há outras questões importantes a considerar, sobre a forma que a prática violenta se apresenta. Francisco e Libório (2009) alertam para algumas diferenças de gênero, idade e escolaridade, com relação ao uso do bullying, algumas das quais identificamos nas falas das estudantes integrantes deste estudo. Nas escolas os agressores mais frequentes são do sexo masculino e se utilizam mais de ataques físicos e verbais. Já entre o sexo feminino os ataques tendem a ser indiretos e relacionais, através da intriga ou da exclusão social. Quanto à idade e escolaridade, se observa que alunos mais jovens praticam mais a agressão física e estudantes mais velhos tendem a fazer uso da violência simbólica ou nas formas de insultos e

provocações. Elias (1998) destaca que a exclusão ocorrida dentro de um grupo se dá devido ao preconceito e ao estigma despropositado destinado a outrem.

Efeitos provocados pela violência sofrida na universidade

Em relação aos efeitos que o fenômeno causa nas vítimas, percebemos que elas, ao falar sobre o assunto, sempre reagem como algo desagradável, embaraçoso e que causa mal-estar. Sobre isso três delas afirmaram que:

Eu vivia mais só do que acompanhada na maioria das vezes. Eu sempre fui muito deixada de lado por não acharem que eu era pra tá lá ou que eu não era uma aluna cdf como outras (Participante 1).

Muito Mal. Tinha crises de fibromialgia, depressão, desânimo. (Participante 3).

Me sinto estranha, tenho vontade de dizer que sou uma pessoa que sente as mesmas emoções que eles, que também ri, chora, come, pensa, vive. Não sou um ser diferente, só sou mais velha ou mais experiente. (Participante 5).

Percebemos que o constrangimento causado pela situação, faz com que as vítimas se sintam não pertencentes àquele grupo de estudantes, o que acaba inibindo e até mesmo bloqueando sua participação dentro da sala de aula, em alguns casos chegando ao ponto de desencadear doença física e psíquica. Essas mulheres se sentem impedidas pelos demais colegas, de envolver-se com as atividades em grupo e se sentem impossibilitadas de demonstrar que estão estudando para aprender e desenvolver suas capacidades de aprendizagem e de compartilhamento, junto às demais integrantes da equipe, como qualquer estudante do curso.

Sobre os efeitos do bullying, Fante (2005) declara que esses acontecimentos levam a reações psíquicas de medo, constrangimento, angústia e raiva que ao serem reprimidos poderão acarretar atitudes inconscientes que conduzirão a pensamentos negativos, infundindo em si mesmo, estimulando sentimentos destrutivos em si e nos outros. Silva (2010) descreve que o bullying agrava o problema preexistente no indivíduo, como também, pode manifestar quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais.

Sobre o impacto disso em suas vidas, algumas delas chegaram a declarar que:

Teve um impacto negativo e doloroso [...] (Participante 3).

Bom, como na escola eu tinha imaturidade e mais insegurança não conseguia lidar. Mas, no curso, aprendi que as pessoas que fazem esses constrangimentos são pessoas que estão insatisfeitas consigo mesmas. (Participante 2).

De início que eu não era boa o suficiente para aquele ambiente, mas depois de conhecer a professora “tal” minha autoestima aumentou. (Participante 6).

Reações provocadas pela violência

Examinando as possíveis reações que esse evento poderia gerar nas estudantes, todas elas, unanimemente, declararam não manifestar nenhuma reação com relação às demais colegas, pois se sentiam retraídas diante de tal fenômeno. Identificamos em suas respostas, que essas mulheres ocultavam os seus sentimentos de dor, por conta do constrangimento sofrido, mas na realidade o seu desejo era o de não se expor, na intenção de evitar sofrer mais mágoas e para conseguir se manter e concluir o curso.

Me calei e fiquei quieta fazendo minha parte, fazendo aquilo que me propus, ou seja, focar nos estudos. (Participante 5).

Não tive reação, fiquei paralisada. (Participante 6).

Nunca falei nada, sou muito fechada. (Participante 7)

Nos estudos realizados sobre o assunto, encontramos questões acerca do silenciamento, tanto da vítima quanto dos espectadores, que segundo os autores, não querem se comprometer e tampouco se arriscar a serem as próximas vítimas. Segundo Abramovay (2004) a violência silenciada encontra-se atada a noção de autoridade, que traz consigo uma forte carga de expressão subjetiva. Estruturada nas teorias de Bourdieu (2001), Abramovay garante que:

A violência é permitida por um poder que não se nomeia, não se deixa assumir como conivente e autoritário. Assim, professores não vêem, não reclamam e as vítimas não são identificadas como tais (ABRAMOVAY, 2004, p.75).

Vítimas e/ou provocadoras de bullying

Em nosso estudo questionamos, se as vítimas, em algum momento de sua vida acadêmica, passaram de alvo de constrangimento a provocadoras de bullying. Algumas das mulheres pesquisadas disseram não ter consciência de tê-lo provocado, porém, uma delas afirma já ter criado tal situação, e que logo depois tomou consciência do erro cometido.

Em determinado momento me vi tratando duas colegas como eu era tratada por minha família quando errava ou demorava pra fazer algo. Eu que percebi desde o início da atividade que elas eram as mais frágeis quando chegou no final, meu grupo não se entendia, nem eu os entendia, acabei sendo indelicada com as colegas. Chorei, sofri, só depois entendi os motivos. (Participante 3).

Que eu saiba nunca provoquei esse tipo de situação a ninguém. (Participante 1).

Estratégias para combater o bullying

Durante todo o processo de elaboração e realização do nosso trabalho, refletimos sobre as estratégias que poderiam ser utilizadas por educadores dentro das instituições de ensino, para combater o bullying. Quando interrogadas a esse respeito houve uma grande

concordância nas respostas das estudantes pesquisadas. Essas mulheres acreditam que as escolas e os professores devem realizar intervenções no tocante ao trabalho com esse fenômeno no contexto escolar.

Percebemos que, por terem sido vítimas, elas se sentem sensibilizadas conseguindo analisar criticamente o problema e lançar sugestões que podem minimizar ou pôr fim a essas agressões, sempre que forem detectadas na instituição escolar. Nesse sentido elas propuseram que a temática fosse discutida com a comunidade escolar e com as famílias. Sugeriram que fossem realizadas atividades que estimulassem a fala e a conversa com os estudantes sobre essa forma de violência. Destacamos algumas sugestões das participantes:

O bullying deve ser enfrentado com diálogo, um trabalho conjunto entre a comunidade escolar e famílias, se faz necessário que os educadores estejam atentos aos sinais. (Participante 3).

Acho que nada melhor do que dialogar com a realidade, nunca tentar camuflar uma situação, fingir que não existiu. Situações de bullying existem e devem ser tratadas de forma clara e direta. Nós temos uma ferramenta poderosa que é a linguagem, então vamos usá-la, vamos dar novos significados à educação, usando essa ferramenta, ela nos oferece mil possibilidades e meios para nos reeducarmos. (Participante 5).

Sim, mas na escola as crianças e adolescentes normalmente são mais abertos a acolher, então uma boa dinâmica que faça esses subgrupos se notarem talvez cause algum efeito positivo. Na universidade eu acredito que seja mais difícil. Falta o olhar mais empático e solidário para com o outro, as pessoas querem estar perto de quem mais produz, é uma corrida desenfreada para ser/estar entre os melhores [...] (Participante 6).

Diante dessas reflexões, retomamos o argumento de Gatti (2009), quando enfatiza que existe um déficit quanto à formação do professor, no tocante a esta questão, sugerindo que o currículo do curso de pedagogia se apresenta incompleto e insatisfatório. Royer (2002), por sua vez, indica algumas propostas que são indispensáveis para enfrentar esse fenômeno, algumas das quais coincidem com as falas das estudantes de pedagogia, apresentadas acima. A autora sugere que: o professor precisa ser capacitado e continuamente formado; a escola deve prevenir comportamentos agressivos; defender uma abordagem ativa, e não reativa, ou seja, antecipar-se à violência; utilizar uma abordagem educativa e não punitiva; usar resultados de pesquisas e práticas exitosas; criar mecanismos de avaliação constantes; fomentar uma parceria construtiva com os pais; e reconhecer que a prevenção e o trato com a violência é missão de toda comunidade escolar.

Considerações Finais

Pudemos observar durante todo o trabalho de pesquisa, que o bullying, apesar de estudado já há algum tempo, ainda é um tema silenciado no meio universitário. Isso se evidencia claramente quando na busca de trabalhos acadêmicos encontramos muito poucos estudos a respeito do tema, que fossem capazes de servir de embasamento para elaboração do presente estudo.

Primeiramente, achamos importante destacar, como algo representativo de nosso objeto de estudo, ou no mínimo curioso, um fenômeno que se evidenciou no decorrer do processo da pesquisa, quando algumas estudantes desistiram de participar, apesar de terem confirmado sua participação por mais de uma vez, de uma delas ter cedido seu e-mail ou número de telefone celular, autorizando o envio do questionário e afirmado que o responderia. Talvez esse fato indique um dado a ser analisado como um resultado de pesquisa. Ainda que se considere a possibilidade de desistência por motivos os mais diversos, algo comum em qualquer pesquisa, este fato em particular também pode expressar o medo de intimidação por parte dessas estudantes que ainda se encontram cursando pedagogia.

Depois de analisar os resultados apresentados anteriormente, pode-se afirmar que as estudantes de pedagogia da UFPE, que generosamente aceitaram participar deste estudo, foram vítimas de práticas de constrangimento, muitas vezes sutil e silencioso, mas nem por isso menos nocivo, materializado, principalmente, pela exclusão ao longo de todo o curso. De acordo com essas mulheres, os efeitos dessa prática são muito nocivos, chegando a afetar sua saúde física e psicológica.

Ao mesmo tempo, parecem muito sensibilizadas com a temática e apresentam uma nitidez importante quanto às estratégias para combater tal violência. Entendem com clareza a necessidade de que o problema seja enfrentado sem camuflagens, com diálogo e trabalho conjunto de toda comunidade escolar, a partir da sensibilização a um olhar empático e solidário, coincidindo com o que afirmam os especialistas da área.

Ademais, percebemos também que a formação de professores, de maneira geral, ainda necessita ser mais consistente, porque, além das limitações encontradas nos currículos de formação, o futuro docente, muitas vezes, não se sente seguro para atuar em sala de aula. Portanto, faz-se necessário um currículo de formação inicial que instrumentalize esse educador, formações continuadas permanentes, acolhimentos com psicólogos e outros profissionais que auxiliem o professor a lidar com essa situação, tão presente no exercício de seu ofício.

Com tudo isso, concluímos que não é necessário esperarmos chegar a situações ainda mais extremas, para que tenhamos consciência que esse fenômeno tem crescido dentro dos muros de nossas instituições de ensino, incluindo a universidade, e que essa expansão denuncia suas faces violentas, que requerem de nós providências responsáveis, imediatas e consistentes.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de Prevenção à Violência nas Escolas**: violências nas escolas. Brasília: Flacso/Brasil, 2015.

ALBERNAZ, Ana Cristina do Nascimento Peres. **Bullying no ensino superior diálogos com educação social e educação em direitos humanos**: reflexões para intervenção. 2016. Tese de Doutorado.

ALBINO, Priscilla Linhares; TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. **Considerações Críticas sobre o Fenômeno Bullying**: Do Conceito ao Combate e a Prevenção. *Atuação*, v. 15, p. 169, 2009.

ANDRÉ, Marli et al. Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 20, n. 68, p. 301-309, 1999.

CERQUEIRA, Adriana Rodrigues Pinto. **“Porquê a mim?”** - O bullying em perspectiva: análise qualitativa da violência entre pares em jovens do 3.º ciclo do ensino básico. 2017. Dissertação de Mestrado.

CÉZAR, Neura. Escancarando a face oculta do Bullying nas escolas públicas e particulares de Cuiabá-MT. In: **X Congresso Estadual de Educação-EDUCERE**. Disponível em: <<http://educere.bruc.com.br>>. Acesso em 10 de abril de 2018.

DE ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2010.

DE MELLO VILLAGAI, Fabiana; PALÁCIOSI, Marisa. Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 4, p. 506-514, 2010.

DE PAULA, Joyce Mary Adam et al. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, v. 2, p. 217-232, 2010.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Verus Editora, 2005.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 113, 2010.

GOMES, Candido Alberto; LIRA, Adriana; PEREIRA, Marlene Monteiro. Autoridade na Escola e Insustentável Leveza do Ser. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, n. 28, p. 481-496, 2009.

MALTA, Deborah Carvalho et al. **Bullying nas escolas brasileiras**: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. 2010.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto; BRANCO, Angela Uchoa. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. *Boletim de Psicologia*, v. 62, n. 137, p. 169-182, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu Cruz. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

NAPOLEÃO DA SILVA, Elizângela; CALLAND DE S ROSA, Ester. Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, n. 2, 2013.

NASCIMENTO, Talita Maria César. **O Bullying na escola**: uma análise do discurso da mídia impressa pedagógica. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14047>>. Acesso em: 23 maio 2018.

NÉTO, Lourival Novais; DE OLIVEIRA, Juliane Dominoni Gomes. O fenômeno bullying em tempos de judicialização dos conflitos escolares na visão de educadores em Roraima. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, RJ, v. 20, n. 60 supl 1, set./dez.2014.

ROYER, Egide. **A violência escolar e as políticas da formação de professores**. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, p. 251-267, 2002.

SANTOS, Vilson Ervandil Messa dos. **O docente e sua formação frente a violência no ambiente escolar**: um novo olhar. 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Globo Livros, 2009.

SILVA, Ana Carolina Barros. Bullying no ensino superior: existe? *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 11, n. 3, 2011.